

## *“O I Congresso Catholico de Alagoas (1917)”: Catolicismo militante e patriotismo na República Velha*

Irineia Maria Franco dos Santos <sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v10i29.36469>

**Resumo:** O objetivo deste texto é levantar algumas questões em torno do I Congresso Catholico de Alagoas, realizado entre 9 e 16 de setembro de 1917, na capital Maceió. O Congresso, idealizado pelo segundo bispo D. Manoel Antônio de Oliveira Lopes, tinha por objetivo “primordial tratar dos interesses catholicos da diocese, comemorando ao mesmo tempo a data de 16 de setembro de 1917, que relembra a elevação da antiga comarca a categoria de capitania independente de Pernambuco”. No contexto das relações entre Igreja e Estado no Brasil, nos primeiros anos da República, ainda conturbados, tem-se as relações “cordiais” de poder em Alagoas e a elaboração de um discurso que busca na tradição, a afirmação da identidade católica militante como a essência da nacionalidade e do patriotismo. Para esta reflexão, foram utilizadas as fontes da imprensa local e brasileira e do Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió, na perspectiva da História Social.

**Palavras-chave:** Congresso Católico; República Velha; História de Alagoas; História Social das Religiões.

### **"The I Catholic Congress of Alagoas (1917)": Militant Catholicism and Patriotism in the Old Republic**

**Abstract:** The purpose of this text is to raise some questions about the I Catholic Congress of Alagoas, held between 9 and 16 September 1917, in the capital Maceió. The purpose of the Congress, conceived by the second bishop D. Manoel Antônio de Oliveira Lopes, was "to treat the catholic interests of the diocese at the same time, commemorating the date of September 16, 1917, which recalls the elevation of the old district to the category of Independent captaincy of Pernambuco". In the context of relations between Church and State in Brazil, in the early years of the Republic, still troubled, we have the "cordial" relations of power in Alagoas and the elaboration of a discourse that seeks in the tradition, the affirmation of the militant Catholic identity as the essence of nationality and patriotism. For this reflection, the sources of the local and

<sup>1</sup> Possui graduação em História pela Universidade de São Paulo (2003), mestrado e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2006 e 2012). Atualmente é professora no Curso de História da Universidade Federal de Alagoas. Email: irineiafranco@gmail.com.

Brazilian press and the Archive of the Metropolitan Curia of Maceió were used, in the perspective of Social History.

**Key-words:** Catholic Congress; Old Republic; History of Alagoas; Social History of Religions.

### "El I Congreso Católico de Alagoas (1917)":

#### Catolicismo militante y patriotismo en la República Vieja

**Resumen:** El objetivo de este texto es plantear algunas cuestiones en torno al I Congreso Católico de Alagoas, realizado entre el 9 y el 16 de septiembre de 1917, en la capital Maceió. El Congreso, ideado por el segundo obispo D. Manoel Antônio de Oliveira Lopes, tenía por objetivo "primordial tratar los intereses católicos de la diócesis, conmemorando al mismo tiempo la fecha del 16 de septiembre de 1917, que recuerda la elevación de la antigua comarca a la categoría de categoría Capitanía independiente de Pernambuco ". En el contexto de las relaciones entre Iglesia y Estado en Brasil, en los primeros años de la República, aún conturbados, se tienen las relaciones "cordiales" de poder en Alagoas y la elaboración de un discurso que busca en la tradición, la afirmación de la identidad católica militante como La esencia de la nacionalidad y del patriotismo. Para esta reflexión, se utilizaron las fuentes de la prensa local y brasileña y del Archivo de la Curia Metropolitana de Maceió, en la perspectiva de la Historia Social.

**Palabras-clave:** Congreso Católico; República Vieja; Historia de Alagoas; Historia Social de las Religiones

*Recebido em 28/03/2017 - Aprovado em 31/05/2017*

“Com o despertar do espírito religioso no Brasil acentuou-se também o patriotismo amortecido no coração do povo. Reatou-se por esse modo o fio de uma tradição há muito tempo interrompida e em virtude da qual fora o nosso clero o máximo fator no desdobramento da civilização brasileira e nas grandes reformas sociais de que hoje nos desvanecemos” (...). Moreno Brandão, *in* A PYRAUSTA, Ano I, número 8, 28 de março de 1917, p. 8.

#### ***Sobre o Congresso: preparativos e realização***

O ano de 2017 marca várias efemérides: quinhentos anos da Reforma de Lutero; duzentos anos da emancipação política de Alagoas; cem anos da Revolução Russa; cem anos da Grande Greve Geral dos trabalhadores no Brasil; cem anos da música *Carinhoso* do mestre Pixinguinha; cem anos do Primeiro Congresso Católico de Alagoas .... Outros eventos mereceriam menção. A demarcação das temporalidades, como momentos de rememoração e ressignificação de eventos entendidos como “passados”, faz parte do processo social de *lembrar e esquecer/ e ou silenciar*, em que se incorporam e se excluem

partes da nossa memória coletiva cultural, acumulada no tempo e no espaço, reforçando e/ou enfraquecendo as identidades em constante elaboração. Das memórias citadas, talvez a última seja a menos recordada neste ano. No entanto, ela participaria, entrelaçada às atuais comemorações do bicentenário da emancipação política do estado, como momento favorável para se procurar compreender como a identidade católica em Alagoas, na Primeira República, buscava naquele momento se reafirmar, reforçando uma *tradição* e um discurso que entendia a “catolicidade/cristandade” como parte inerente da “brasilidade” (patriótica) e, neste caso específico, também de uma “alagoanidade”.

Por outro lado, o contexto econômico e político em que ocorreram os dois eventos em destaque – o centenário da emancipação política e o primeiro congresso católico – esteve imbricado de fortes conflitos e negociações entre as classes no espaço social. As tensões dadas com a Primeira Grande Guerra, as dificuldades políticas da primeira república, a luta das oligarquias pelo controle do estado, a situação dramática dos trabalhadores rurais e urbanos, os distanciamentos e aproximações vivenciados pela Igreja Católica e o Estado brasileiro, e em especial, as relações cordiais entre Estado e Igreja em Alagoas, dariam uma pequena amostra de tantos elementos em questão.

A Igreja Católica no Brasil vinha, desde meados do século XIX, demarcando uma posição pastoral orientada à Roma que possibilitasse reformar o catolicismo vivenciado no país, incorporando as transformações que a religião vinha experimentando na Europa, a partir dos contextos de conflitos com a chamada “modernidade” e na concorrência com o protestantismo. Tais transformações e/ou continuidades da *tradição* católica (universal) foram identificadas como um processo de “romanização”, intensificado nos primeiros anos do século XX. Em Alagoas este processo seria perceptível desde a Questão Religiosa e na fundação do bispado. A análise de parte desses elementos pode ser feita no estudo do Primeiro Congresso Catholico. O foco no particular orienta a visão para o geral e vice-versa.

A ideia para a realização do Primeiro Congresso Catholico de Alagoas, foi apresentada, de modo ainda incipiente, no editorial do jornal *O Semeador*, no ano de 1916, em 30 de novembro<sup>2</sup>. Nele o redator, possivelmente o Cônego Antonio Valente, ao comentar o tema do centenário de emancipação política, afirmava ser “o amor ao torrão pátrio” um dos “acentuados caracteriscos [sic] dos alagoanos”. Alagoas, muito querida de seus filhos, “pequenina em território”, seria “grande nas glórias, que já alcançou e nas que lhe reserva o futuro”. Festejar o primeiro centenário, seria, na opinião do redator, “ocasião oportuníssima de mais uma vez lhe ser testemunhada a nossa dedicação de filhos, que se honram de uma tal mãe”. Não seria, ainda, continua ele, “um mero aniversário”, por isso, a programação para o evento deveria ser preparada sem demora, para que com “reflexão, ordem e calma possam ser cumpridas as suas determinações”. Lembrava também que já havia, em outra ocasião, a necessidade de realização de um Congresso de Agricultura, “em vista das vantagens, que por certo dahi decorreriam em proveito do Estado, com é evidente”. Uma vez que o Estado de Alagoas, “essencialmente

<sup>2</sup> *O Semeador*, Ano IV, número 164, Maceió, quinta-feira, p. 1. *O nosso centenário*.

agrícola”, pela agricultura deveria “trabalhar, fonte de rendimentos magníficos que é”. O destaque para o sistema produtivo dominante, pode ser entendido como uma forte conexão com a elite agrária e política, mantenedora por sua vez da Igreja e de suas obras sociais. Por fim, padre Valente argumenta:

Outras muitas ideias, estamos certos, serão apresentadas, para que o maior cunho de esplendor e pompa demos aos festejos, obrigação que é imperiosa nossa. O clero, elemento poderoso que incontestavelmente é pela sua real influencia, segundo nos conta, cogita de promover um Congresso Catholico, homenagem à gloriosa data. Alevantada ideia! Por ocasião do seu centenário, há pouco tempo comemorado, a República Argentina coroou as suas grandiosas festas com um solemnisimo Congresso Eucharistico, a que prestou o seu melhor concurso o grande povo argentino. Nós também, na medida das nossas forças, poderemos fazer o nosso Congresso Catholico, que bem seria uma bela nota das festas. “Ainda está em CONSTA, mas formulamos votos que se transforme em realidade.”

Talvez a ideia para a realização do Congresso já estivesse pairando nas mentes do clero alagoano, há alguns anos. Desde a separação Estado/Igreja em 1890, algumas dioceses brasileiras vinham realizando Congressos, cumprindo as determinações vindas da Santa Sé, no reforço de sua posição na sociedade moderna e da devoção ao Santíssimo Sacramento em todo o orbe católico.<sup>3</sup> A diocese de Olinda, celebrou o seu primeiro congresso no ano de 1902. O Diário de Pernambuco, de 12 de outubro de 1914, na sessão *Alma religiosa*, transcreveu um telegrama de D. Manoel Antonio de Oliveira Lopes, bispo de Alagoas, sobre o II Congresso Catholico em Recife que estava para ser realizado naquela cidade, em novembro do mesmo ano. Sobre isso, teria sido publicado no *O Semeador* comentários sobre a organização do Círculo Catholico de Pernambuco e sobre aquele congresso.<sup>4</sup> Outros tantos foram realizados na Bahia, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte.

<sup>3</sup> O costume de se realizar Congressos Católicos data do século XIX na Europa. O primeiro de caráter internacional foi realizado na França em 1881, aprovado pelo Papa Leão XIII, com o tema “A Eucaristia salva o mundo”. In OLIVEIRA, Maria Mariana Macedo de. **Congresso Eucarístico de Ação Católica Provincial de Maceió (1939-1945)**. Trabalho de Conclusão de Curso, História-UFAL, 2017. Ref. CARRAL, Dom Manuel Parrado. Síntese da História dos Congressos Eucarísticos. Disponível em: <http://www.cnbsul1.org.br/sintese-da-historia-dos-congressos-eucaristicos/>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

<sup>4</sup> Infelizmente, não se tem os exemplares do jornal *O Semeador* dos seus primeiros anos. No Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió tem-se apenas um único exemplar da primeira edição de 1913. No Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas tem-se a coleção que vai de 1918 até os dias atuais.

Vale lembrar que o bispado de Alagoas era recente. Havia sido fundado em 1900, tendo na sua primeira década amplas atividades para organização da vida eclesiástica; entre elas a fundação do Seminário Diocesano, a elaboração dos estatutos e as visitas pastorais intensas realizadas pelo primeiro bispo D. Antonio de Castilho Brandão. Este faleceu em 1910. A diocese permaneceu sob o governo do Vigário Geral Jonas Batinga até a posse do novo bispo, o baiano D. Manoel Antonio de Oliveira Lopes, que assumiu por procuração em 12 de março de 1911 e chegou à capital no dia 7 de abril de 1911<sup>5</sup>. As informações sobre o episcopado de D. Manoel são poucas, inclusive nos registros no Arquivo Metropolitano. Ele é lembrado como criador do Cabido diocesano e fundador do jornal *O Semeador*, os dois no ano de 1913. A diocese de Penedo foi fundada durante o seu governo, em 1916, tendo como primeiro bispo D. Jonas Batinga, que tomou posse em 1918. O nome da Diocese mudou, então, de Alagoas para Maceió em 1917 e, em 1920, tem a sua elevação a arquidiocese. Dom Manoel tornou-se, assim, o primeiro arcebispo de Maceió.<sup>6</sup>

Interessante, por outro lado, seria saber qual teria sido a postura do bispo D. Manoel durante a crise instalada no governo de Euclides Malta, com sua derrocada em 1912. Sobre esta questão, também não existem maiores informações, infelizmente. Retomando o tema em debate, em dezembro de 1916, o jornal *O Semeador* publicou enfim, um editorial intitulado “Um Congresso Católico”, com assinatura C.V. (Cônego Valente). Ali, tem-se, novamente a comemoração do centenário de autonomia política alagoana apresentada como uma “festa”, “uma saudação ao passado” e uma “apoteose à tradição de um povo”. E, assim, para o “cabal desempenho” seria “de mister detidas e aturadas vistorias em torno de todos os elementos factores de sua formação histórica”. Nesse sentido, o Cônego Valente reelaborou o argumento continuamente repetido pela *intelectualidade* católica<sup>7</sup> – pelo menos, a partir da Questão Religiosa –, no qual desde os

---

Na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional estão disponíveis apenas as edições do ano 1916 de julho a dezembro. Através de outros jornais algumas matérias podem ser reconstituídas. A lacuna para o ano de 1917 com toda a cobertura do Congresso é uma lástima. A busca pelos anos perdidos continua, no entanto.

<sup>5</sup> **Gutenberg**, Maceió, sábado, 8 de abril de 1911, ed. 75, p. 1. *Bispo de Alagoas, sua recepção*.

<sup>6</sup> Álvaro Queiroz. **Notas de história da Igreja nas Alagoas**, p. 177-178. Dom Manoel também instituiu a Pontifícia Obra das Vocações Sacerdotais.

<sup>7</sup> Aqui está-se referindo a uma intelectualidade na perspectiva gramsciana, em que haveria uma “intelectualidade orgânica”. “De acordo com a visão gramsciana não existe atividade humana totalmente despidida de intervenção intelectual, todo ser humano, de alguma maneira exerce esta atividade. Além de suas atividades profissionais, os indivíduos também realizam funções intelectuais, posto que, relacionam-se em sociedade, trocam ideias, emitem opiniões, expressam suas formas de pensar, elaboram sistemas de pensamento, resolvem situações diárias ou até mesmo o exercem em simples atividades de lazer” (GRAMSCI, 1968, p.8). Muitas vezes, as atividades intelectuais são feitas de acordo com a sua classe ou em função de uma classe com a qual se identifica. In DIAS, Gabriela Torres. **Os intelectuais alagoanos e o quebra de xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)**. Qualificação – Dissertação de Mestrado, PPGH-UFAL, pp. 42-43.

tempos do Império e do padroado régio, a verdadeira *ontologia* da pátria estava revestida da fé cristã.

Ora remontando-nos aos primévos tempos de nossa Patria, às suas primeiras labutas, às suas gigantes pelejas, prestamente se nos depara, aqui, ali, em toda a parte, o ideal da Fé e da Liberdade, como o princípio propulsor, a alma mater de toda a sua acção, de todo o seu vigor. Foi sob o gasalhado bemdicto da Cruz, que se erigiram as alvas casarias, os primeiros fundamentos de nossa Nacionalidade, a qual recebeu de uma só feita, de conjunto, os rudimentos da Fé e os rudimentos da instrução. De sorte que não se pode apartar a Fé Christã das comemorações dos feitos de nossa Patria. É questão de imperiosa necessidade, porque sobre ser um acto de acção de graças ao Supremo Doador de nossas grandezas, **é uma questão de tradição**. E infeliz o povo que se divorcia das sagradas e gloriosas legendas que lhe legaram os seus maiores. Na capital da República, vemos em monumentos de bronze se erguer ao lado dos Cruzeiros a imagem meiga dos filhos de Loyola, contando à posteridade patricia para o seu ensinamento que o nosso Paiz se formou sob a inspiração da Igreja, que, terna, difundiu-se em suas mattas, em seus sertões, por toda a parte, a suavidade do seu evangelho.

O Congresso foi apresentado, então, como um marco de conexão histórica entre a pátria e a fé cristã. No passado, a história da evangelização surgia, no texto, como um processo sem rusgas, terno e suave, marcado nas atividades dos jesuítas reconhecidas nacionalmente. No presente, os intelectuais do clero e os “homens de letra”, a mocidade estudiosa seriam os responsáveis por desenvolver as teses, as respostas às questões sociais, numa perspectiva moderna; ou seja, que buscasse solucionar sociologicamente os desafios postos. A soma dos esforços de todos em refletir sobre a nacionalidade traria a ideia de que a Igreja participaria das grandezas e glórias da “extremescida [sic] Alagoas”.<sup>8</sup> Acompanhando as notícias pela imprensa alagoana e brasileira, tem-se outras notas sobre os preparativos do Congresso. No *Diário do Povo* de Maceió foi apresentado, ao longo do ano de 1917, as expectativas e as reuniões de preparação dos eventos comemorativos do centenário. Este periódico também fez a cobertura do congresso, durante os dias de sua realização e afirmava ser a ideia “daquelas destinadas a despertar vivas sympathias e conquistar as mais francas adesões”, entre as quais a do próprio jornal, uma vez que sua realização estaria motivada por um “tão justo e patriótico motivo”. Reproduzem em

<sup>8</sup> O **Semeador**, Maceió, quarta-feira, [ilegível] de Dezembro de 1916, Anno IV, número 170. *Um Congresso Catholico*. [Grifo meu]

seguida o ato publicado pelo *O Semeador* em que constam os nomes da comissão organizadora:

Conego dr. Theotônio Ribeiro, Conego João Machado de Mello, Conego Manoel Ribeiro Vieira, Conego Manoel Capitulino de Carvalho, Conego Antonio Tobias da Costa, Conego Antonio de Cerqueira Valente, Conego Franklin Valente de Lima, Desembargador Adalberto Figueiredo, Barão de Wandesmet, dr. Bernardino de Senna Ribeiro, dr. Manoel Lopes Ferreira Pinto, dr. Antonio de Mello Machado, dr. Manoel Brandão Villela, dr. Leonino Correia, dr. Sidronio de Santa Maria, dr. Edgar Valente de Lima, dr. Murillo Valente, Professor Francisco Henrique Moreno Brandão, Professor Joaquim Ignacio Loureiro, Commendador Firmo da Cunha Lopes, Commendador Alexandre Archelau dos Reis, Professor Luiz Carlos de Souza Netto, Augusto Casado.<sup>9</sup>

Se se atentar para a comissão eleita, vê-se entre eles aqueles elementos do clero, das elites políticas e da intelectualidade local. Estes foram os responsáveis por organizar a programação do Congresso, arrecadar os fundos necessários para a sua execução e conduzir os trabalhos e atividades do evento. A adesão do *Diário do Povo*, jornal do Partido Republicano Conservador, reforçou o apoio que a realização de um congresso católico conectado às ideias patrióticas recebia naquele momento. Não haveria nenhuma contradição em articular um congresso religioso com as atividades cívicas e políticas.

D. Ranulpho Farias, no livro de tomo da arquidiocese número 6, fl. 42, fez o seguinte comentário: “(...). Em 1917, de 9 a 16 de setembro houve, em Maceió, um “1º Congresso Católico das Alagoas, promovido pelo Exmo. E Revmo. Sr. Dom Manuel de Oliveira Lopes, então bispo diocesano. *Mas teve este uma ação limitada, restrita*”. Já no tomo número 7, Farias transcreveu o regulamento do Congresso, intitulando-o de “Documento Histórico”.<sup>10</sup> No final do regulamento informava, “*Nota*: Este Congresso realizou-se no recinto da Catedral, na data projetada.” Na documentação da cúria, não foram encontrados outros comentários sobre o evento, até o momento. Mas, observando o seu regulamento, tem-se a percepção que todo ele foi pensado em um *modelo* que deveria permitir a troca de ideias e a projeção de soluções às questões de interesse do catolicismo.

O regulamento trazia 41 artigos, divididos em 15 capítulos: (I). Fins e época do Congresso; (II). Composição e condições; (III). Apresentações; (IV). Os votos e a votação; (V). Organização geral e sessões; (VI). Sessão preparatória; (VII). A mesa e suas

<sup>9</sup> *Diário do Povo*, Maceió, 10 de março de 1917, segunda página. *Aqui e ali...*

<sup>10</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió. **Livro de Tombo da Arquidiocese**, número 7, fl. 98-99. Transcrição feita por Ranulpho Farias, em anexo. Existe um exemplar original do regulamento na pasta D. Manoel A. de O. Lopes, caixa 12, Arcebispos. [Destaque meu]

atribuições; (VIII). As Comissões; (IX). Relator Geral; (X). Sessões plenas; (XI). Sessões parciais; (XII). As monografias e demais trabalhos apresentados pelos congressistas; (XIII). Execução das resoluções; (XIV). Comissão organizadora; (XV). Disposições gerais. Assina-o: “Pela Comissão Organizadora: Cônego Manoel Ribeiro Vieira – Presidente; Cônego Antonio Valente – Vice-Presidente; Francisco Moreno Brandão – 1º Secretário; Luiz Carlos de Souza Netto – 2º Secretário; Sidronio Augusto de S. Maria – Tesoureiro”.

É notável, na estrutura planejada para o Congresso, o objetivo primordial de “tratar dos interesses catholicos da diocese comemorando ao mesmo tempo a data de 16 de setembro de 1917, que relembra a elevação da antiga comarca a categoria de capitania independente de Pernambuco” (I). Também chama a atenção os espaços planejados para a discussão das teses que seriam desenvolvidas pelos congressistas nas “Comissões” e debatidas nas “Sessões plenas e parciais” (VIII; X; XII e XIII). Foram elas: (a) “O ensino da doutrina christã, sua necessidade”; (b) “Creação de escolas parochias”; (c) “Dever dos paes na formação da Fé de seus filhos”; (d) “Obrigação da educação dos filhos em collegios catholicos”; (e) “Males da escola sem Deus”; (f) “Formação da Fé dos adultos, letrados e ignorados”. Foram encarregados delas o cônego Franklin de Lima, Joaquim dos Reis e Armando Gusmão.<sup>11</sup> O capítulo III, intitulado *Apresentações*, convocava todas as associações religiosas católicas, irmandades, devoções e outras para se fazerem representar durante o Congresso. Por fim, destaca-se que os artigos 35 e 38 fazem menção à publicação das resoluções do congresso, monografias e teses aprovadas em formato de livro, “annas” ou na imprensa periódica, para sua ampla divulgação. Não foi possível encontrar tais publicações. Há dúvida se de fato tenham sido produzidas, uma vez que poderia haver exemplares no IHGAL, APA ou mesmo no Arquivo Metropolitano. É possível que o jornal *O Semeador* tenha feito a transcrição das conferências e debates das teses, no entanto, não se tem acesso às edições do ano de 1917.

De qualquer modo, pelas teses divulgadas, pela programação e as transcrições parciais dos debates, feitas pelos jornais *Diário do Povo* de Maceió, *Diário de Pernambuco* e *A Província* (PE), percebe-se as preocupações católicas naquele momento que se aliam ao processo de romanização vivenciado no Brasil. Pode-se, por sua vez, acompanhar as solenidades e trabalhos realizados. A formação católica para jovens e crianças, em especial, e nos adultos teria tomado a frente. Isso significaria o cuidado com o avanço das propostas do ensino laico no país e da concorrência aberta, na capital Maceió, dos colégios protestantes e espírita. De fato, indicavam os temas de “preocupação” de D. Manoel Lopes. Em 15 de agosto de 1917 o bispo publicou uma Carta Pastoral especial em comemoração à emancipação política e à realização do Congresso Catholico. Ela foi dividida em três capítulos: (1) “O Amor da Patria”; (2) “A salvação do Brasil está no seu retorno à Fé Christã”; e (3) “O que os paes devem ensinar às creanças no começo do uso da razão”. Pelos argumentos apresentados ali vê-se que a orientação episcopal deu o tom

<sup>11</sup> **A Província (PE), 5-8-1917:** Transcrição do jornal *O Semeador* de 5 de agosto de 1917.

dos debates. Os desafios do presente foram postos no sentido do avanço do “*homo inimicus*” na sociedade e o seu necessário combate<sup>12</sup>. Outros temas surgiram em meio aos debates, como se vê ao acompanhar a narrativa da imprensa sobre o congresso.

A abertura, realizada no dia 11 de setembro de 1917, às 19:30h na Catedral foi acompanhada pelo Diário do Povo. A sessão solene foi descrita como revestida do “máximo brilho”, aberta pelo presidente do Congresso Dr. Bernardino Ribeiro, ao lado de D. Manoel Lopes, o bispo D. José Thomas de Sergipe e o vice-governador do Estado, coronel Francisco Rocha. Após a entoação do “Vem Creator” o orador oficial, professor Moreno Brandão, leu o telegrama enviado pelo Sumo Pontífice Bento XV (1914-1922), via Cardeal Gasparri.<sup>13</sup> Após os discursos do bispo diocesano, do presidente do congresso e do orador, o cônego Franklin Lima “dissertou eloquentemente sobre a these Dever dos paes na formação da fé de seus filhos”, com os “mais francos elogios ao seu trabalho”. A reportagem é encerrada com comentários sobre o público:

A Cathedral estava literalmente cheia. Associações, religiosas, confrarias, irmandades, quase todos os membros do clero, além de representantes de todas as classes sociaes, enchiam o majestoso templo, caprichosamente decorado, dando à sessão de abertura do 1º Congresso Catholico um aspecto imponente e significativo, que nos leva a dirigir sinceras felicitações ao digno Clero Alagoano e, especialmente, ao ilustrado sr. Bispo Diocesano. – A sessão de hontem foi particular. A de hoje é pública, falando o talentoso padre Julio de Albuquerque sobre “O mister social dos vicentinos” e o nosso ilustre confrade dr. Brandão Villela sobre a “imprensa catholica”.<sup>14</sup>

Mesmo tendo em vistas possíveis excessos nos elogios apresentados pelo jornal, o I Congresso Catholico de Alagoas não teria sido talvez “tão restrito”, como mencionou D. Ranulpho Farias. Apesar de seu caráter local, contou com a presença do Bispo de Sergipe, à época D. José Thomaz, com telegrama enviado em nome do Papa Bento XV, via

<sup>12</sup> Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió. Carta Pastoral de D. Manoel Antonio de Oliveira Lopes, 15 de Agosto de 1917. Caixa 1. Os subitens da Carta são os seguintes: “*Capítulo 1 – O Amor da Patria. A biblia e o amor à pátria; Deveres da hora presente = “homo inimicus”; A Igreja forma as sociedades; Benefica influencia da igreja; Mans efeitos do atheísmo; Feliz retorno. Capítulo 2 – A salvação do Brasil está no seu retorno à Fé Christã; Dever dos paes; A vida christã nos lares. Capítulo 3 – O que os paes devem ensinar às creanças no começo do uso da razão; Os paes e a escola; O ensino do catecismo.*”

<sup>13</sup> *Monsigneur Evêque de Alagoas – Maceió. Roma, 8 – Saint Père agreant avec bienveillance homenagem pieté filiale et obeisance adrese voeus paternels pour heurenx resultats du premier congres cabtolique et envoi coeur benediction apostolique sar votre excellence clergé et diocesains reunis.*- Card. Gasparri. **Diário do Povo**, Maceió, 11 de setembro de 1917. *Congresso Catholico. Abertura solemne. Um telegrama do Papa.*

<sup>14</sup> **Diário do Povo**, op. cit.

Cardeal Gasparri e carta do Núncio Apostólico monsenhor Angelo Scapardini, lida no segundo dia. As menções à representatividade do congresso de *todas as classes*, é indicativo daqueles elementos que seriam, segundo o Padre Valente, os que iriam abrilhantar o evento, o clero ilustrado, a intelectualidade e o *espírito cristão do povo*. Além das teses anteriormente mencionadas, faz-se menção aos temas do “mister social dos Vicentinos” e da “imprensa catholica”. A dinâmica entre sessões públicas e particulares teria servido para controlar melhor os debates, as teses apresentadas ao público e permitir a inclusão de propostas concretas para o seu fim.

“Na Cathedral, realizou-se anteontem a sessão particular do Congresso Catholico (...). Usou da palavra o talentoso cônego Franklin Lima, que, expendendo considerações a propósito do Congresso, sobre “O dever dos paes na formação da Fé de seus filhos”, apresentou algumas resoluções relativas a esse sugestivo assumpto. As resoluções do cônego Franklin Lima são no sentido de agir o Congresso Catholico chamando a atenção dos paes para a necessidade de ensinarem a doutrina christã a seus filhos mandando-os as aulas do catecismo. O conego Franklin sustenta a necessidade do ensino religioso e pede que o Congresso vote elogios aos que se têm esforçado pela divulgação do mesmo, solicitando por fim que seja creada uma comissão de homens respeitáveis, sob a direção do exmo. Sr. Bispo Diocesano, no intuito de organizar o programma do ensino religioso, conforme as ideas expendidas. Falou em seguida o illustre tribuno sacro Frei Mathias Teves, dissertando sobre a *Sociedade dos Moços*, concluindo ‘a sua eloquente oração com as seguintes resoluções apresentadas à consideração do Congresso.<sup>15</sup>

Aqui, verifica-se a articulação da Igreja local com as orientações gerais da Igreja no Brasil, no sentido de influenciar a manutenção de um catecismo mais eficaz e um ensino religioso amplo na diocese; mesmo não sendo mencionado, sabe-se que o foco eram as instituições de ensino públicas. A presença do franciscano Frei Mathias Teves, de Pernambuco, indicaria como funcionava a rede de debates promovida, via uma intelectualidade católica orgânica, que atuou fortemente nessas primeiras décadas da república. Mesmo não sendo dos mais destacados oradores do período, Frei Mathias vinha realizando muitas atividades no estado vizinho, inclusive a criação de um Círculo Catholico no qual organizava a formação de quadros entre os jovens para a militância

<sup>15</sup> **Diário do Povo**, quarta-feira, 12 de setembro de 1917. Congresso Catholico. [Grifos meus]

católica, através das aulas de alemão que ministrava no convento do Recife<sup>16</sup>. As resoluções apresentadas por Frei Mathias foram:

1º Sob os auspícios da autoridade Diocesana, dirigir a todos os parochicos [sic] desta Diocese, uma circular solicitando a criação de sociedades catholicas de moços, de preferência de Congregação marianna. 2º mandar igual solicitação documentada aos diretores de todos os collegios catholicos de moços para se instituir entre eles a Congregação marianna; 3º envidar esforços para que nesta capital seja fundada uma sociedade catholica de estudantes. 4º pedir respeitosamente ao exmo. Sr. Bispo Diocesano que seja designado um sacerdote que dirija e promova nesta diocese a organização dos moços. 5º dirija-se respeitosamente ao mesmo exmo. Senhor para que seja creada uma comissão permanente de homens conspícuos que em união com o referido sacerdote, forme a comissão central.” Hontem, às 19 horas, na Cathedral, effectuou-se a segunda sessão pública do Congresso Catholico, estando o sumptuoso templo inteiramente repleto. A atenção publica está absolutamente interessada pela marcha dos trabalhos do Congresso. Occuparam a tribuna o talentoso padre Julio de Albuquerque sobre “a acção social dos vicentinos”, o dr. Brandão Villela sobre a imprensa catholica e Monsenhor Mauricio da Rocha sobre a acção catholica e o operariado. Daremos na próxima edição noticia circunstanciada dessa sessão. A sessão de hoje é particular.<sup>17</sup>

As Congregações Marianas, o Apostolado da Oração e os Vicentinos faziam parte daquela reação católica proposta desde fins do XIX, em que a reformas das irmandades e confrarias e o incentivo às novas associações vinham sendo centralizadas nas mãos dos bispos e do clero, com uma menor autonomia de organização por parte dos leigos. Vê-se que as propostas apresentadas no I Congresso Catholico seguem estas diretrizes gerais. Mais ainda, se considerar os pontos de concentração do debate: ensino, imprensa, caridade (via vicentinos) e ação social entre os operários para procurar soluções harmoniosas entre patrões e empregados, evitando o contágio das ideias revolucionárias.

<sup>16</sup> RIBEIRO, Emanuela Sousa. **Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais: 1889-1930**. Tese de doutorado em História, UFPE, Recife, 2009, p. 119. Um resumo biográfico e de suas atividades pode ser consultado na página 137 da mesma tese.

<sup>17</sup> **Diário do Povo**, quarta-feira, 12 de setembro de 1917. *Congresso Catholico*. [Grifos meus]

Na sequência das atividades, observa-se o resumo para o dia seguinte, com a presença dos bispos D. Manoel e D. José Thomaz, juntamente com “o escol da nossa sociedade e pessoas de todas as classes, enchendo o amplo recinto da Cathedral”. Após a leitura de telegramas de felicitações do Arcebispo da Bahia D. Jeronymo Thomé e do Círculo Catholico de Pernambuco, ocorreu a conferencia do padre Júlio de Albuquerque sobre os vicentinos. Em seguida, o dr. Brandão Villela, redator-chefe do Correio de Viçosa dissertou sobre “A imprensa catholica”. Brandão Villela é identificado como um “jornalista catholico, estudioso e competente” e teria desenvolvido o tema recebendo muitos aplausos. Em sua conclusão, apresentou as seguintes resoluções:

1º - A fundação de uma sociedade de jornalistas que visando os ensinamentos da religião e da moral, trabalhe pelo bem da imprensa. 2º - A criação de um almanack diocesano para distribuição gratuita e folhas avulsas a cargo de eclesiásticos e mais catholicos interessados pela religião. 3º - O estabelecimento, em todas as parochias, de uma biblioteca parochial, levada a efeito pelos respectivos vigários. 4º - A criação de uma livraria catholica, sob os auspícios da Diocese e auxilio de todos os catholicos. 5º - A fundação na cidade de Maceió, de um círculo catholico e bem assim em todas as parochias da Diocese.<sup>18</sup>

Sucedeu na tribuna o monsenhor Mauricio da Rocha, diretor do jornal O Semeador e secretario do Bispado, com uma conferência sobre “A ação catholica e o operariado”.

O conferencista estudou a questão operaria em nosso paiz, lamentando o descaso dos industriaes pelo ensino religioso aos seus operários e salientando, em nosso Estado, a Usina Brasileiro e a Companhia União Mercantil, que se esforçam por melhorar, neste sentido, a condição de seus respectivos operariados. Monsenhor Mauricio mereceu também ruidosos aplausos da assistência. – Hontem o Congresso Catholico effectuou uma sessão particular<sup>19</sup>.

Destacam-se, neste dia, as articulações com o bispo primaz da Bahia e o Círculo Catholico de Pernambuco, além das presenças do bispo de Alagoas e de Sergipe na sessão. As três conferências, com os temas da ação dos vicentinos, a imprensa católica e a ação católica e o operariado, demarcariam o reforço nas áreas estratégicas para a manutenção da influência católica. Os três também amarrariam a perspectiva católica de

<sup>18</sup> **Diário do Povo**, quinta-feira, 13 de setembro de 1917. **Congresso Catholico**.

<sup>19</sup> **Diário do Povo**, op. cit.

ação social onde teoria e prática (*práxis*) dava-se em manter nos âmbitos ideológicos e materiais, os pontos de vista da doutrina social da Igreja. Curar o corpo e a alma mantendo a ordem e a hierarquia social. A fala de Brandão Villela sobre a imprensa traria a preocupação em organizar melhor a rede de imprensa católica ou sob influência católica no estado, para que a *religião e a moral* católicas pudessem ser melhor divulgadas; a criação de almanaques, bibliotecas e de um círculo católico seriam ideias testadas em outros lugares no Brasil<sup>20</sup>. Pena não se ter mais detalhes da conferência do Monsenhor Maurício da Rocha<sup>21</sup>, que lamenta o descaso dos industriais no que se refere ao ensino religioso aos operários; a menção a Usina Brasileiro e a Companhia União Mercantil parece indicar a importância econômica como também os laços de seus proprietários com a Igreja. Por fim, o jornal *Diário do Povo*, transcreveu no mesmo número, na íntegra, a palestra do padre Júlio Albuquerque intitulado *O mister social dos vicentinos em face da pobreza*.<sup>22</sup> Por ela, fica-se sabendo da atuação desta linha do assistencialismo católico, presente em Maceió desde 1894, com um primeiro grupo do qual o padre Júlio fazia parte, que se reunia na Igreja dos Martírios. Nele vê-se o reforço da *teodiceia tradicional* que entende a devoção religiosa, a resignação e a paciência diante do sofrimento dos males do mundo como caminhos de purificação e salvação espiritual.

Porque sendo o fim primordial da sociedade [de S. Vicente de Paulo] a santificação de cada um, primeiramente excitávamos em nós a piedade para depois, no interior dos tugúrios, nos lares fumarentos onde a miséria se acoita, irmos pregar aos pobres e aos enfermos a divina predica da resignação e da paciência, da bondade de Deus e de seu amor, enquanto levamos o pão para o corpo, meio muito natural e muito humano de alimentarmos a alma. A alma do pobre é como a cera na mão sabia do artista, como o barro na mão do obreiro: humilde amolda-se facilmente, sob o cuidado do bom confrade tomando nova forma,

<sup>20</sup> O Círculo Católico de Viçosa havia sido fundado no dia 7 de novembro de 1916 sendo divulgado pelo jornal *O Semeador*.

<sup>21</sup> José Maurício da Rocha (1885-1969), foi ordenado em 1908, sagrado bispo por indicação de D. Manoel Lopes em 1919 e nomeado para a diocese de Corumbá/MT, a qual regeu até 1927 quando transferido para Bragança Paulista/SP; lá permaneceu até seu falecimento em 24 de novembro de 1969. Em 1937 publicou uma Carta Pastoral tratando, entre outros temas, do combate ao Comunismo. Esta sessão teria sido publicada no formato livro em 1938, com o título: **O comunismo ateu e seus aliados**. Bragança Paulista, SP. In MEDEIROS, Fernando M. de. **O homo inimicus: igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas**, pp. 119-120.

<sup>22</sup> *Diário do Povo*, 14-09-1917, segunda página. Conferencia.

transmutando-se d'uma Venus pagã n'uma artística  
estatueta da Immaculada.

Tal teodiceia tradicional conformar-se-ia a uma perspectiva militante e antirrevolucionária no reforço da cristandade. Na missão junto aos pobres elabora-se o processo de conversão como uma *militância* ativa, ou seja, não se está somente salvando o corpo com o pão, mas a alma com a prédica, ao transmutar-lhe de *pagã* em cristã. O pobre, no entanto, sofre este processo passivamente; não é ele que se molda, a sua alma é moldada. Por outro lado, na sessão particular do dia 14 de setembro pode-se destacar a concentração das elites intelectuais e políticas que vão debater as proposições para um *combate* articulado:

A sessão particular de anteontem foi presidida pelo dr. Bernardino Ribeiro, com assistência do exmo. Bispo de Sergipe. Lidas e aprovadas as actas das duas sessões anteriores, o 2º secretario leu o expediente: uma carta do exmo. Sr. José Lopes, Bispo de Floresta, escusando-se de comparecer, porem aderindo ao Congresso Catholico e fazendo-se representar pelo illustrado conego João Machado, e telegramas do conego J. Moreira Pimentel, dr. Helvecio Guimarães e Socrates Cabral e coronel João Lessa. Falaram, comunicando adesões, Frei Mathias Teves, pelo superior do Convento de Pesqueira, e desembargador Adalberto Figueiredo, pelo desembargador Silva Porto. Frei Mathias Teves leu um trabalho de combate ao protestantismo e espiritismo, e o cônego Luiz Barboza, que pronunciou uma formosa conferencia sobre as congregações marianas. O trabalho do cônego Luiz Barbosa, revelador de seus dotes intellectuaes e da sua cultura literária, grangeou francos e merecidos aplausos. Em seguida o dr. Presidente poz em discussão varias theses apresentadas essa sessão por Frei Mathias Teves, havendo animada discussão a respeito, voltando por fim as theses á comissão respectiva. – A sessão de hontem foi publica e teve grande concurrencia. Hoje o Congresso Catholico funcionará em sessão particular.<sup>23</sup>

Os combates católicos contra os protestantes e os espíritas já se davam desde fins do século XIX. De modo mais concentrado, pelo menos em Alagoas, através da imprensa católica e outras em termos de discurso e, na prática, nas ações incentivadas por missionários capuchinhos e o clero local, em que alguns conflitos violentos chegaram a se

<sup>23</sup> **Diário do Povo**, 14-09-1917, primeira página. **Congresso Catholico**.

dar. Lembra-se aqui a queima das bíblias protestantes ocorrida em Penedo, no ano de 1906, por exemplo.<sup>24</sup> De modo geral, nos primeiros anos da República, a instituição católica passou a desenvolver no espírito da reação, ações contundentes para frear o avanço e outras correntes religiosas e dos chamados “males da modernidade”, entre eles as doutrinas liberais (liberalismo, positivismo, socialismo/comunismo etc) que seriam perigosas à fé católica e à ordem social.

Em 1916 Dom Sebastião Leme assumiu o arcebispado de Olinda. Sua influência em termos regionais e nacionais dar-se-ia na tentativa de organizar uma intelectualidade clerical e laica que pudesse dar conta dos desafios identificados por ele. A sua carta pastoral de saudação, lançada no mesmo ano, foi considerada pela historiografia um marco no chamamento a uma ação política mais efetiva da Igreja na sociedade: “(...) Em vez de coro plangente, formemos uma legião que combata: quem sabe falar, que fale; quem sabe escrever, que escreva; quem não fala e nem escreve, que divulgue os escritos dos outros. A nós católicos, que na mocidade saudamos o porvir da Pátria e da Igreja a nós se impõe o dever de darmos os passos necessários (...)” (SILVA, 2008, p. 549). Pode-se inferir, que D. Manoel Lopes estava bem antenado com o episcopado nacional, e apesar das dificuldades locais ou de sua capacidade de organização e articulação da vida eclesial alagoana<sup>25</sup>, o modo como o I Congresso Catholico foi preparado e executado dialoga efetivamente com a *autocompreensão* da Igreja no período.

Infelizmente, os rastros do Congresso na imprensa, nos exemplares disponíveis para a consulta, foram se tornando mais raros. O jornal *A Província* de Recife-PE, através de seu correspondente em Alagoas, havia publicado naquela semana a programação geral do centenário<sup>26</sup> e a crônica dos dias de festejos que, segundo ele, foram atrapalhados no sábado pelas chuvas que “desabaram na cidade”.

---

<sup>24</sup> Sobre isso ver Hemeroteca Digital Brasileira, periódico *A Fé Christã*, Penedo, 25 de janeiro de 1906. Disponível em: <http://bdn.digital.bn.gov.br/>. Data de acesso: 28/03/2017.

<sup>25</sup> Sabe-se que: “Dentre os primeiros atos de seu episcopado, destaca-se a criação do cabido Diocesano, espécie de senado do bispo. Os cônegos do cabido de Maceió usam pela primeira vez as suas rubras vestes corais no 1º Congresso Católico, cujas sessões se realizam nas naves da Catedral, como parte das comemorações dos festejos do Centenário da Emancipação Política de Alagoas, a 16 de setembro de 1917. (...) Faleceu D. Manuel de Oliveira Lopes na Bahia, em 27 de julho de 1922, sendo seu corpo trasladado para Maceió. O nosso 1º arcebispo está sepultado ao lado do altar-mor da Igreja Catedral. Ref. **O clero por ocasião do segundo Bispo de Alagoas e o primeiro arcebispo de Maceió D. Manuel Antônio de Oliveira Lopes**. Disponível em: <http://www.arquidiocesedemaceio.org.br/arquidiocese/historico>. Data de acesso: 18/01/2017. Texto do Cônego José Everaldo. No entanto, após a morte de D. Manoel, a partir da documentação do Arquivo da Cúria, sabe-se que o cabido não estava regular; também ocorreram problemas em relação ao patrimônio da arquidiocese.

<sup>26</sup> **A Província (PE)**, 15 de setembro de 1917, n. 254, p. 2. (...) – É o seguinte programma organizado pela comissão promotora das festas comemorativas do 1º centenário. Dia 15 – às 8 ½ horas exercícios de gymnastica sueca pelos alunos do Collegio Diocesano na praça Floriano Peixoto. Às 13 horas, abertura da exposição pelo exmo. Srs. Governador do estado, acompanhado de seus secretários e de sua casa civil e militar, na praça D. Pedro II. Às 16 ½ horas, maich de foot-

Houve, entretanto, na noite daquele dia o encerramento do Congresso Catholico, a que foram presentes o exmo. Bispo diocesano e de Sergipe, e os representantes dos exmos. Srs. Arcebispo d. Sebastião Leme e bispo de Floresta. A sessão solenne, teve lugar, às 20 horas precisamente, e á ella compareceram não só os srs. Congressistas, mas também crescido número de pessoas gradas. Aberta a sessão pelo respectivo presidente dr. Bernardino Ribeiro, oraram os drs. Lydio Gomes, que leu um bello trabalho sobre “Christo no Jury e nas escolas” e Edgard Lima, fazendo o discurso de encerramento, o revdmo. Frei Mathias Teves. O domingo (16), dia Justo da passagem do centenário, amanheceu bello, favorecendo a realização dos festejos. Logo pela manhã, houve a missa campal, celebrada pelo revdmo. Sr. Bispo diocesano, coma presença do revdmo. Sr. Bispo de Sergipe dos representantes dos revmos. Srs. Arcebispo de Olinda e bispo de Floresta, havendo a posse do cabido da Sé. Às 13 horas, reabertura do Congresso. Em trajos de rigor, os srs. Congressistas se fizeram em sessão, orando em belas allocuções sobre a data, os deputados dr. Leonino Corrêa e tenente Tito de Barros, sendo em seguida suspensa a sessão.

27

O encerramento do Congresso ocorreu em uma sessão com o importante tema da presença dos símbolos católicos nos espaços públicos e nas escolas; estes haviam sido retirados nos primeiros anos da proclamação da República, sob impacto da ideologia positivista e do laicismo. A reação católica vai no sentido de articular com as lideranças políticas a retomada destes espaços “perdidos” na argumentação da “tradição” religiosa da maioria do povo brasileiro – católico. A fala de encerramento do Frei Mathias Teves

ball no ground do Jacutinga, praça Jonas Montenegro. À noite grande baile da Phenix Alagoana. Dia 16 – Missa campal por s. excia. o sr. D. Manoel, bispo diocesano, às 8 horas, na cathedral, com sermão pelo sr. Conego Franklin Lima. As 13 horas reabertura do Congresso do Estado no respectivo palacete à praça D. Pedro II. Em seguida, grande corrida hyppica no hyppodromo do jockey Club Alagoano. Às 20 horas em ponto, sessão solene do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano e da comissão central para as festas do Centenario, no Theatro Deodoro. Dia 17 – às 11horas, regatas na enseada da Pajussara. Às 15 horas, lançamento da primeira pedra fundamental do monumento ao 1º governador da nova capitania, tenente-coronel Sebastião Francisco de Mello Povoas. À Noite divertimentos públicos, batalha de confetti e serpentinas, corso de automóveis e fogos de artificios na praça Floriano Peixoto, para encerramento das festas. A exposição estará aberta das 10 às 21horas do dia 17. A entrada é franca a todas as pessoas vestidas decentemente.

27 **A Província (PE)**, 20 de setembro de 1917, n. 259, p. 2.

supõe-se tenha feito um resumo das proposições discutidas durante o congresso e das resoluções estabelecidas. A missa campal do domingo, a posse do cabido e os discursos sobre a emancipação política fecharam o ciclo todo de debates.

O esforço para estabelecer melhor as relações políticas entre a Igreja local e o governo do estado precisa de um foco mais atento para identificar os participantes dos debates e aprofundar o contexto daquele ano de 1917. Somente para demarcar o tema é importante indicar o clima conflituoso da política estadual, que pode ser exemplificado na chegada a Maceió no domingo, do dr. Batista Acioly – governador de 1915 a 1918, pelo Partido Democrático, que estava em viagem. Na mesma cobertura dos festejos do centenário, o articulista do *A Província*, afirma que este foi o acontecimento que “deu o que falar”. Ao ser esperado no porto por grande multidão e membros dos dois partidos, democrata e conservador, houve confusão sendo necessária a intervenção da polícia. A leitura feita pelo jornalista indicava que as tensões entre os dois partidos estavam no auge e poderiam se desdobrar ainda nos próximos dias.<sup>28</sup> Como afirmou Douglas Apratto Tenório, “o ruir dos alicerces do alongado governo maltino em 1912” não foi o fim da “era das oligarquias em Alagoas”. O governo de Clodoaldo da Fonseca teria sido, em sua avaliação, “uma ponte entre as oligarquias que acabavam e as outras que se reestruturavam sob a orientação de Fernandes Lima, o verdadeiro cérebro da deposição de Euclides Malta”. (TENÓRIO, 2009, p. 107). Este teria consolidado as bases de uma nova oligarquia, através da qual os “proprietários do Norte açucareiro alcançam a hegemonia do sistema, anteriormente empalmada pelos do Sul”. Teria sido sob sua influência que Batista Acioly chegou ao governo do Estado, e “por não querer dar mostra de vassalagem total ao líder camaragibano, enfrentou sérios atritos, chegando a um quase rompimento que não se consumou” (TENÓRIO, 2009, p. 108). A essência da política alagoana nesses anos da república velha teria se mantido a mesma, com o domínio do poder pelas elites da terra. Nesse âmbito, o papel da Igreja foi de aliada que auxiliava na legitimação do poder político. Até onde se sabe, nunca chegou a ter relações estremecidas com os diferentes governos, com exceção, talvez, durante o governo de Gabino Besouro, que em fins do século XIX, não apoiou o auxílio financeiro estadual para a formação do patrimônio necessário à fundação do bispado de Alagoas. Mas, tal não chegou a significar qualquer “ruptura”, uma vez que a forte campanha para a existência da diocese foi ganhando corpo a partir de 1897 e terminou vitoriosa em 1900, com pleno apoio do então governador Euclides Malta.<sup>29</sup>

### ***Tradição, patriotismo e militância católica***

Pela narrativa apresentada via imprensa, dos debates ocorridos antes e durante o Congresso Catholico, surgiu fortemente o entrelaçamento entre a tradição, o patriotismo e a militância católica. Moreno Brandão, citado na epígrafe, afirmava que o despertar do

<sup>28</sup> **A Província (PE)**, 20 de setembro de 1917, n. 259, p. 2.

<sup>29</sup> Sobre isso ver: NUNES, Márcio Manuel Machado. **A criação do bispado das Alagoas: religião e política nos primeiros anos da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1910)**. Dissertação de Mestrado. Macció, PPGH-UFAL, 2016.

espírito religioso acentuou o patriotismo “amortecido no coração do povo”. Com isso, teria sido reatado, segundo ele, “*o fio de uma tradição há muito interrompida*”, em que o clero era “o máximo fator” no desdobramento da civilização e das reformas sociais.

Esta proposição parece apontar na direção indicada por Villaça (2006) que, ao refletir sobre o pensamento católico no Brasil, dividiu-o em duas grandes fases de uma história espiritual do país: (1) a *escolástica ou portuguesa*, da chegada dos jesuítas no meio do século XVI até a expulsão em meados do XVIII, onde se teria um “colonialismo clerical”, com o método pedagógico dos jesuítas dava-se o domínio “absoluto” da escolástica e do humanismo clássico e ter-se-ia uma “unidade de pensamento”; até que, (2) a expulsão dos jesuítas e a reforma pombalina, trariam a influência da Universidade de Coimbra, do laicismo e do *enciclopedismo francês* ao Brasil que, a partir daí, “viveria sob o signo do pluralismo ideológico” (VILLAÇA, 2006, p. 9). Esta segunda fase, ainda seria dividida por Villaça em três momentos: (a) de *indefinição da espiritualidade*, com a influência do frade Monte Alverne em suas leituras de Victor Cousin e Malebranche que se contrapõe ao sensualismo de Condillac; (b) de *dissolução da espiritualidade* com as duas expressões típicas em Nabuco e Sílvio Romero, isto é, “o cepticismo renano e o evolucionismo (já alemão e inglês)”; e (c) de *restauração da espiritualidade*, o que teria sido um “fenômeno novo no Brasil” com a “reação católica” (VILLAÇA, 2006, p. 10). Somente no século XIX, portanto, seguindo Villaça, nas décadas de 1870-1880, com a Questão Religiosa, tem-se uma “reação católica”, na figura do bispo D. Vital.

Nunca antes o catolicismo reivindicara um lugar ao sol, uma situação definida na paisagem brasileira. Nesse sentido, Dom Vital é o anti-Monte Alverne, é o primeiro esforço para uma volta àquela unidade ideológica anterior à ruptura pombalina. Dom Vital encarna a negação de ecletismo, do espírito de indefinição (VILLAÇA, 2006, p. 10).

Se esta “reação católica” buscava influenciar “ideologicamente” a condução do novo regime republicano no país, retomando um papel de ação mais efetiva, fazia bem, então, rememorar o papel histórico da instituição católica no Brasil e em Alagoas, naquela efeméride da emancipação. Segundo Guiomar de Castro<sup>30</sup>, Moreno Brandão foi o redator do A Pyrausta, e dos jornais O Lutador, Penedo e Monitor (fundador deste). “O aprofundamento também da língua latina o levava a traduzir a bíblia, sem claudicar na exatidão dos textos sagrados, como confirmara o nosso 1º bispo, D. Antonio Brandão, que lhe era primo”.

“Subordinado aos condicionamentos lógicos, humanos, éticos e espirituais, não se torturou na dúvida ou nas interrogações irresponsáveis. O raio das perguntas atingia o

<sup>30</sup> Revista IHGAL, volume XXXII, Ano 1975-19176, p. 149-157. **Moreno Brandão**. Discurso proferido no IHGAL quando do centenário do nascimento de Moreno Brandão em 12-9-1975.

Alto e ouvia o sim, através dos conceitos de fé, seguidos pelos roteiros paralelos da crença cristã e católica. Estas convicções, de focos tão seguros, teve o ensino de proclamá-las durante a conferência proferida na nossa Catedral, em 1922, quando da solenidade comemorativa do centenário da Independência do Brasil”. (CASTRO, 1975, p. 150)

Como visto, Moreno Brandão foi o orador oficial do I Congresso Catholico de Alagoas e um intelectual militante que, poder-se-ia enquadrar como “católico” por sua atuação orgânica ao produzir algumas reflexões sobre o papel do catolicismo na sociedade alagoana em conjunto com sua produção mais ampla sobre a história local. A falta dos discursos proferidos por ele, durante aquele evento, obriga a se fazer uma leitura aproximativa, a partir de alguns dos seus textos, divulgados na imprensa em 1917. Na revista *A Pyrausta* afirmava na edição 8, de março de 1917:

Com o despertar do espirito religioso no Brazil acentuou-se também o patriotismo amortecido no coração do povo. Reatou-se por esse modo o fio de uma tradição há muito tempo interrompida e em virtude da qual fora o nosso clero o máximo fator no desdobramento da civilização brasileira e nas grandes reformas sociaes de que hoje nos desvanecemos. É ainda em virtude dessa **tradição gloriosa** e impercível que o nosso presado Antistite D. Manoel Antonio de Oliveira Lopes procura dar maior sumptuosidade e magnificência às festas commemorativas da elevação de Alagoas á capitania independente, reunindo nesta capital um Congresso Catholico. Nesse comício que assume grande importância **pelos elementos que o organizam e pelos que a ele aderem**, discutir-se-ão, além de altos pontos de fé, assumptos de grande transcendência referentes ao nosso **progresso material e moral**. Das conclusões desse certâmen redundará para esta bela e afortunada região brasileira somma incalculável de proveito, ao mesmo tempo que auferirão as festas do centenário excepcional brilhantismo. Nossos louvores, portanto, a todos aquelles que iniciaram o Congresso Catholico, bem como aos que ao mesmo prestarem a sua adesão; que importará na mais bela das homenagens a render à pátria alagoana na maior data de sua história. Oxalá todas as classes dirigentes da sociedade seguissem o exemplo dado pelo clero de nosso Estado, e assim tivéssemos de registrar, além do Congresso Catholico,

o Congresso medico, o Congresso jurídico e o Congresso pedagógico.<sup>31</sup>

A importância que Moreno Brandão dá a realização do Congresso Católico estabeleceria, de imediato, a valorização da “tradição gloriosa” continuada pelo bispo D. Manoel que conectaria aquele presente com um passado idealizado. Seu texto está em harmonia com aqueles publicados pelo Cônego Valente n’O Semeador. As virtudes do Congresso seriam concretizadas pela assistência que dele tomaria parte, nos elementos da intelectualidade local, clerical e leiga, para os debates de grande importância sobre os temas do *progresso material e moral*. Aqui, seguindo a percepção de Ribeiro (2009), a *tradição*, significaria uma “boa relação com o passado”, (p. 206), uma vez que no Brasil, o catolicismo teria amalgamado a cultura e a sociedade, o que passaria a ser apresentada como uma “naturalização da ideia do Brasil católico” (p. 207). Nesse sentido ainda, mesmo com todas as críticas, seria importante para a Igreja a “sacralização do progresso”, o que significaria dar a um conjunto de argumentos típicos de modernidade conteúdos de moral católica (RIBEIRO, 2009, p. 29). Vale lembrar, que a Igreja havia rejeitado o lema *Ordem e Progresso* da nova bandeira republicana, por entender que ali essas palavras estavam vinculadas aos ideais positivistas. Somente uma ordem e um progresso sob os auspícios de uma moral religiosa seriam pertinentes para a sociedade brasileira de maioria católica. Ribeiro considera que, somente com um discurso que não fosse contrário ao *progresso*, seria possível para a Igreja angariar o apoio das elites políticas ao seu projeto maior de afirmação da identidade nacional católica (RIBEIRO, 2006).

Aos intelectuais caberia então, articular a história da colonização portuguesa com a fé católica. Colombo, nessa interpretação é apresentado como o “navegador de uma empresa religiosa cristã”. O *providencialismo* teria sido um agente transformador na História desde o “velho mundo”, o que demarcaria a ideia de uma “continuidade civilizadora e uma continuidade religiosa”; argumento este “cristalizado e favorável ao projeto católico de identidade nacional” (Idem, p. 212). Para Ribeiro, “a historiografia atual, porém, não tem se dado conta das profundas implicações desta relação para a formação e implementação de um projeto identitário católico para o país” (p. 213). Tal hipótese poderia ser testada em nível local para Alagoas? Parece que esta leitura não se distancia do discurso em análise de Moreno Brandão. Ainda sobre o centenário, dizia ele que:

Em qualquer parte, onde o patriotismo sereno, constante e sincero existisse no coração e não simplesmente nos lábios dos homens, a aproximação de uma data como a de 16 de Setembro do corrente anno bastaria para nos encher de justificados entusiasmos, notando-se em redor das comemorações a fazer uma atividade rumorosa e febril. Aqui

<sup>31</sup> A Pyrausta, Ano I, número 8, Maceió, 28 de março de 1917, p. 8. Congresso Catholico. Grifos meus.

não. Reuniões da comissão central e da comissão organizadora do Congresso Catholico, é o que apenas temos visto. Mas o interesse do povo e, sobretudo, das classes dirigentes da comunhão alagoana phr [sic] uma serie de solemnidades que equivalem ao balanço ou ao retrospecto de toda a nossa vida até a era decorrente ainda não podemos absolutamente perceber ou vislumbrar. Em qualquer ponto da terra, mesmo em certas regiões, cujo nível de civilização é inferior ao nosso, as publicações referentes ao centenário pululariam, copiosamente. Em Alagoas, até hoje nem mesmo os jornaes, principaes inspiradores do entusiasmo da população em certos e determinados factos, se preocupam com o dia que marca a passagem de um século depois que o egrégio rei que se chamou D. João 6º elevou, em recompensa á nossa indiscutível e louvável fidelidade, tão própria daqueles tempos remotos a categoria de capitania independente a nossa terra.<sup>32</sup>

Moreno Brandão lamenta o que entende como a falta de um patriotismo mais profundo em Alagoas, na pouca agilidade para a organização das festividades em torno do centenário. Este é entendido, por ele, como um momento importante para se tentar realizar um “balanço” ou retrospectiva de “toda nossa vida”, o que daria, talvez a percepção histórica ampla necessária para se pensar os rumos do estado e, principalmente, para se tentar transformar radicalmente os costumes políticos “deploravelmente arraigados”, e os “hábitos sociais” que constroem e humilham. A emancipação política em si foi apresentada como uma recompensa pela louvável fidelidade coletiva à coroa portuguesa durante a Revolução Pernambucana (1817). Marcaria, assim, como essência de sua fundação política o conservadorismo e a estabilidade do poder.

Entretanto é necessário ponderar que as comemorações dos centenários dos homens ilustres ou dos acontecimentos faustos, remodela muitas vezes o caracter de um povo, crie, por assim dizer, u’a alma de uma mentalidade novas. E nenhum dos núcleos de população existentes no Brazil precisa mais do que o nosso de transformar-se radicalmente, melhorando costumes políticos deploravelmente, arraigados, abandonando hábitos de vida social, que muito nos constroem e humilham perante aqueles que nos estudam ou nos fazem a psychologia. É, pois, dever indeclinável de

<sup>32</sup> A Pyrausta. Maceió, 23 de maio de 1917, Ano I, n. 16, p. 8. **Festas do centenário.**

quantos empunham uma pena nesta terra contribuir na altura de suas forças para que o vindouro mez de Setembro Alagoas vibre nos frêmitos do **patriotismo esclarecido**. Para isso é mister que sem delongas vá sendo melhormente estudada a nossa terra em todos seus múltiplos aspectos e em todas as suas divergentes modalidades, porquanio é bem certo o verso camoniano: Quem não conhece a arte não na estima. [sic]<sup>33</sup>

O lamento de Brandão, ainda explicitaria o entendimento de que tais celebrações dos “homens ilustres” e dos “acontecimentos faustosos” modelariam o “caracter de um povo”, criando uma “alma e mentalidade novas”. A História seria a mestra a ensinar e a contribuir para um avanço civilizatório. Seria necessário, por fim, inspirado por Camões, conhecer Alagoas (como a arte) para estimá-la.

### **Considerações finais**

Não se pode diminuir a importância que efemérides como esta do (bi)centenário da emancipação política ou, no caso aqui tratado, o centenário do I Congresso Catholico de Alagoas pode ter como elemento de reflexão do que seria uma *disputa* pela memória social e cultural em Alagoas. O reforço da tradição cristã, vinculada à ideia de civilização e progresso no Brasil, como um *mito político* foi excluindo ou subalternizado no discurso e na prática político-pastoral outros sujeitos históricos que participaram desses processos.

Ainda sobre aqueles primeiros anos republicanos, Villaça afirmava que o pregador Padre Júlio Maria teria sido o primeiro a ter “a intuição da importância do povo”, da necessidade de união efetiva entre a Igreja e o povo. Teria sido o primeiro a “desligar decididamente o Altar do Trono e a pregar a popularização da Igreja” (VILLAÇA, 2009, p. 12). O padre Júlio Maria faleceu em 1916. Ele havia realizado uma série de conferências em Pernambuco e outros estados do Nordeste entre 1902 e 1903. Seus textos foram amplamente divulgados na imprensa católica brasileira e, em Alagoas, através do jornal *A Fé Cristã* de Penedo. Não se sabe se ele chegou a visitar as terras alagoanas. Demorou muito para que a intuição do Padre Júlio, considerada *liberal* se posta em comparação com o reacionarismo católico do período, pudesse se afirmar como uma linha de atuação pastoral da Igreja Católica no Brasil.

O I Congresso Catholico de Alagoas parece ter deixado alguns frutos, mesmo com a avaliação pouco entusiasmada de D. Ranulpho Farias, nos anos 1940. O reforço do ensino religioso e do ensino cristão deram-se na fundação das escolas paroquiais para crianças pobres na catedral de Maceió, nos anos seguintes. A imprensa católica, via jornal *O Semeador*, manteve-se firme, mesmo com as dificuldades conhecidas para a sua manutenção; não se tem conhecimento se foram concretizadas as proposições de Brandão Villela. Quanto ao operariado, efetivamente se terá uma ação focada a esta classe com os círculos operários católicos criados nos anos 1940, já no episcopado de D.

<sup>33</sup> A Pyrausta, Op. cit.

Ranulpho.<sup>34</sup> Seria preciso outras pesquisas para levantar a influência católica nas Usinas, na pista dada pela conferência do padre Maurício da Rocha. Qual teria sido o esforço católico, neste ano de 1917, para conter o avanço da propaganda comunista em Alagoas? Sabe-se que a pregação, o ensino e a imprensa foram as armas utilizadas na estratégia de conter o avanço do comunismo e das outras vertentes religiosas em Alagoas. Outras táticas cotidianas deviam se dar sempre preservando as relações cordiais com as elites políticas e econômicas.

Vale lembrar que, em 1923, o Cônego Valente, em carta enviada ao bispo D. Santino Coutinho, afirmava-lhe que a cidade de Maceió não era àquela altura “profundamente catholica”. Ele via no avanço do “*bomo inimicus*” da Igreja naqueles que agiam “ora em público, ora às escondidas” para combatê-la.<sup>35</sup> Dever-se-ia manter, portanto, a postura militante do catolicismo agindo na sociedade. Os argumentos da *tradição* católica em Alagoas continuarão a ser reforçados, com destaque para os grandes congressos eucarísticos dos anos 1940. A Igreja Católica no Brasil havia ampliado os seus espaços durante o Estado Novo de Vargas. Em Alagoas, as efemérides públicas continuaram a ser momentos estratégicos para o catolicismo demarcar o seu lugar de religião primeira e patriótica através de amplos movimentos de massa. Sobre isso, vê-se no livro de Tombo da Arquidiocese o registro dos preparativos do Congresso Provincial de Ação Católica de 1945.<sup>36</sup>

“Penedo – escrímio vivo da história nacional, que vai celebrar em setembro do ano fluente o tri-centenário da sua restauração, é uma diocese de profundas raízes cristãs, regada pelo sangue dos defensores da fé contra o batavo invasor e protestante. (...) Maceió, escolhida providencialmente, faz 25 anos, para metrópole da Província Eclesiástica, tem a virtude

<sup>34</sup> O primeiro foi criado pelo padre Antonio Monteiro, vigário do Jaraguá em 1 de maio de 1940. Livro do Tombo número 2, fl.51v. Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió.

<sup>35</sup> (...) Terminadas as informações que pude organizar em resposta à respeitável circular de V. Excia., cumpre-me acrescentar que ao lado da acção religiosa desenvolvida na parochia entregue á minha desvaliosa pessoa, existe, de há muito, um trabalho activo e forte da parte do *Homo inimicus* de que fala o Evangelho, no sentido de arruinar a fé Catholica. A cidade de Maceió, não é, Exmo. Snr. como parece ás primeiras vistas, profundamente Catholica. Cidade nova e carecida de clero, esta capital, perseguida por perigosas seitas – quaes o espiritismo, theosophismo, protestantismo, maçonismo, etc, tem em face da fé chagas profundas que lhe ameaçam gravosos perigos. Todas essas seitas desenvolvem, ora em publico, ora ás escondidas, uma acção grandemente pernicioso, para o que lançam mãos de meios que seduzem assim a bôa fé dos simples, como a razão dos curiosos. (...) Cônego Antonio Valente, Cura da Sé, Maceió, 20 de novembro de 1923. Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió. Relatório Paroquial, Catedral, 1923. Caixa 32.

<sup>36</sup> Transcrição, Livro de Tombo da Arquidiocese, número 6, fl. 50. Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió. [Texto explicativo do brasão do congresso publicado no O Semeador, 23 de abril de 1945, artigo de propaganda o Pe. Francisco de Brandão Lima ou do Mons. Adeldo Machado. – Nota de D. Ranulpho no livro do tomo]

rara de possuir um povo bom, ordeiro e capaz de dar, nas horas precisas, heróis que salvam o País nos campos de batalha e estadistas que fazem e consolidam os regimes. A Arquidiocese de Maceió bem merece ser a estrela que Deus escolheu para irradiar neste Congresso Provincial, a luz da fé no SS. Sacramento.

O *providencialismo* no discurso somou-se aos *valores* destacados do povo alagoano: *bom, ordeiro, heroico nos campos de batalha contra os inimigos do país e da fé e ativo nos governos*. A proposição católica estabeleceria claramente que a missão espiritual da Igreja se dá também como *missão no mundo*. A leitura católica sobre o Estado republicano entende que, por mais laico que fosse na lei, não significaria ter na sociedade espaços separados da vida em âmbitos privado e público, “(re)cristianizar os cristãos” e a sociedade foram metas constantemente buscadas. Dom Fernando Gomes, bispo de Penedo, em carta circular encaminhada a sua diocese, afirmava:

“O Congresso Eucarístico de novembro é também um congresso de Ação Católica. Isto significa que não queremos que Jesus Cristo reine apenas em nossos corações. Queremos que o seu reino de verdade, de amor e de paz, conquiste o lar, a escola, o quartel, a cidade e o campo, o governante e o governado, o patrão e o operário, o médico e o enfermo, o juiz e o réu, o sábio e o ignorante, a infância, a juventude e a velhice, o homem e a mulher, o batizado, o herege e o pagão, a pessoa, o grupo, a classe, a raça e a nação. Queremos que venha para todos o reino de Deus”. (...) 25 de abril de 1945.<sup>37</sup>

De 1917 a 1945 em Alagoas, foram consolidadas, por fim, as atuações baseadas na doutrina social da Igreja via Ação Católica e seus núcleos especializados. Os dois congressos foram marcados também pelas duas grandes guerras mundiais. Dificilmente ter-se-ia um discurso que escapasse ao *patriotismo* conclamado no país naqueles contextos. É notável, no entanto, que uma das cabeças do *homo inimicus* ainda fosse a mesma: a revolução russa deflagrada e a guerra fria que se anunciava nessas décadas. Para o catolicismo era preciso manter uma frente de combate a esta *outra* ideologia universal, que também pregava aos pobres e trabalhadores a “salvação” neste mundo. A competição entre tais ideologias (a espiritual e a materialista) continuou na igreja brasileira. Numa visão dialética, foi a própria ação social da Igreja, em contato com a realidade objetiva de exploração e imiserção das classes trabalhadoras que, nos anos 1950, fez com que parte dos seus quadros se aproximasse das propostas socialistas e comunistas e se tornasse

<sup>37</sup> Livro de Tombo da Arquidiocese, número 6, fl. 57v-58. Arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió. Circular de D. Fernando Gomes, bispo de Penedo, sobre os preparativos do Congresso.

também delas militantes – pelo menos entre eles, na sua utopia, *trono e altar* não voltariam a andar juntos.

### Referências

- ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE MACEIÓ. *Livros de Tombo da Arquidiocese*, números 2, 6 e 7.
- CASTRO, Guiomar. *Revista IHGAL*, volume XXXII, Ano 1975-19176, pp. 149-157.
- DIAS, Gabriela Torres. *Os intelectuais alagoanos e o Quebra de xangô de 1912: uma história de silêncios (1930-1950)*. Qualificação – Dissertação de Mestrado, PPGH-UFAL, 2017.
- HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Várias edições. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>
- MEDEIROS, Fernando Antônio Mesquita de. *O homo inimicus: Igreja católica, ação social e imaginário anticomunista em Alagoas*. Maceió: Edufal, 2007.
- NUNES, Márcio Manuel Machado. *A criação do bispado das Alagoas: religião e política nos primeiros anos da República dos Estados Unidos do Brasil (1889-1910)*. Dissertação de Mestrado. Maceió, PPGH-UFAL, 2016.
- OLIVEIRA, Maria Mariana Macedo de. *Congresso Eucarístico de Ação Católica Provincial de Maceió (1939-1945)*. Trabalho de Conclusão de Curso, História-UFAL, 2017.
- QUEIROZ, Álvaro. *Notas de História da Igreja nas Alagoas*. Maceió: Edufal, 2015.
- RIBEIRO, Emanuela Sousa. *Modernidade no Brasil, Igreja Católica, Identidade Nacional: práticas e estratégias intelectuais, 1889-1930*. Tese de doutorado em História, PPGH, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. *A Santa Sé e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Igreja Católica no Brasil*. Jundiá/SP: Paco Editorial, 2015.
- SILVA, Wellington Teodoro da. *Catolicismo militante na primeira metade do século XX brasileiro*. História Revista, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 541-563, jul./dez. 2008.
- SOUZA, Edilson Soares. *Cristãos em confronto: discórdias entre intelectuais religiosos num estado não confessional (Brasil, 1890-1960)*. Tese de Doutorado em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- TENÓRIO, Douglas Apratto. *Metamorfose das oligarquias*. Maceió: Edufal, 2009.
- TEIXERIA, Faustino (orgs.). *Sociologia da Religião*. Enfoques teóricos. Petrópolis/RJ: Vozes, 2003.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. *História do Catolicismo no Brasil. Volume 2 – 1889-1945*. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2016.

## Anexo

### **Regulamento do 1º Congresso Catholico das Alagoas – Ano de 1917** No episcopado do Exmo. E Revmo. Sr. D. Manoel Antônio de Oliveira Lopes, promotor do mesmo Congresso

#### I

##### “Fins e época do Congresso”

Artigo 1º - O Congresso Catholico das Alagoas tem por objetivo primordial tratar dos interesses catholicos da diocese, comemorando ao mesmo tempo a data de 16 de setembro de 1917, que relembra a elevação da antiga comarca a categoria de capitania independente de Pernambuco.

Art. 2º - O Congresso reunir-se-á na cidade de Macció, funcionando de 9 a 16 de setembro do corrente anno.

#### II

##### Composição e condições

Art. 3º - Compor-se-á o Congresso: a) do clero secular e regular do Estado; dos catholicos que lhe prestarem sua adesão.

Art. 4º - Não haverá taxas de adesão aceitando-se, entretanto, contribuições voluntárias dos que aderirem ao Congresso.

#### III

##### Apresentações

Art. 5º - Os membros do clero devem se representar por si mesmo ou por delegados seus com um título que justifique essa representação.

Art. 6º - As corporações religiosas ou civis que sejam compatíveis com o espírito da religião Catholica devem se representar pelos seus diretores, na falta ou impossibilidade destes, pelos seus imediatos substitutos.

Art. 7º - As adesões avulsas também admitem representação na forma do Art. 6º.

#### IV

##### Os votos e a votação

Art. 8º - Cada congressista, além do seu, terá direito a tantos votos quantas delegações representar.

Art. 9º - Para as eleições haverá sempre votação cabendo, entretanto, à mesa a prerrogativa de fazer indicações.

#### V

##### Organização geral e sessões

Art. 10º - O Congresso dividir-se-á em comissões e reunir-se-á em sessões: preparatórias, parciais e plenas.

#### VI

##### Sessão preparatória

Art. 11º - Haverá uma única sessão preparatória, que se realizará no mesmo dia da instalação, antecedendo à sessão de abertura.

Único. A sessão preparatória será presidida pela comissão organizadora.

Art. 12º - Os seus fins serão: a eleição dos membros da mesa geral do Congresso, do orador que deverá falar na terminação dos trabalhos do relator geral e bem assim a eleição das comissões que terão de dar parecer sobre as theses apresentadas.

## VII

### A mesa e suas atribuições

Art. 13º - A mesa geral compõe-se: do presidente de honra, presidente effectivo, três vices presidentes e quatro secretários.

Art. 14º - O presidente honorário será o Exmo. E Revmo. Snr. Bispo diocesano.

Art. 15º. Compete ao presidente effectivo: a) dirigir as sessões plenas do Congresso; b) resolver qualquer dúvida que se levante, agindo de acordo com este regulamento; c) nos casos omissões submeter-se ao que for deliberado pela assembleia; d) representar oficialmente o Congresso; e) designar a ordem do dia, com a devida antecedência.

Art. 16º. Os vice-presidentes substituirão o presidente em suas faltas ou impedimentos.

Art. 17º. Ao 1º e 2º secretários incumbe o preparo das atas das sessões plenas.

Art. 18º. São da competência dos 2º e 4º secretários a leitura da acta e do expediente, as comunicações com as comissões e com as pessoas com quem o Congresso tenha de entender-se.

## VIII

### As Comissões

Art. 19º. Serão eleitas pelo Congresso as comissões necessárias para o estudo das theses apresentadas, as quais serão compostas do número de membros que se tornarem necessários. Os membros dessas comissões elegerão d'entre si o presidente, secretário e relator.

Art. 20º. Essas comissões têm a incumbência de formular conclusões sobre as theses apresentadas.

Art. 21º. Ao relator incumbe coligir e coordenar as conclusões que devem ser votadas, bem como lhe cumpre apresentar e defender nas sessões plenas as que forem aprovadas pela respectiva comissão.

## IX

### Relator Geral

Art. 22º. O relator geral deverá resumir e anotar os factos ocorridos nas sessões plenas, entregando à comissão organizadora uma resenha completa destinada à opportuna publicidade.

## X

### Sessões plenas

Art. 23º. Das sessões plenas, duas serão solenes: a da abertura e a do encerramento.

Art. 24º. A sessão inaugural realizar-se-á sob a presidência da mesa geral e na ordem seguinte: I Leitura do expediente; II Discurso do presidente da Comissão organizadora; III Resposta pelo presidente da mesa do Congresso; IV Discursos dos congressistas que quiserem usar da palavra; V Encerramento.

Art. 25º. Na sessão do encerramento seguir-se-á esta mesma ordem, havendo, porém um discurso official pronunciado pelo orador eleito.

Art. 26º. Nas sessões plenas ordinárias serão discutidas e votadas as conclusões formuladas pelos relatores das comissões ou far-se-ão dissertações sobre as theses constitutivas do programa do Congresso

Art. 27º. Qualquer congressista terá direito de discutir as conclusões, orando por espaço de 15 minutos, se tiver de apresentar emendas. § 1º. O congressista não poderá tornar a falar sobre a mesma conclusão que uma vez impugnou. § 2º. Terminadas as impugnações, terá a palavra o relator da comissão para rebatel-as, não podendo em seu discurso exceder o prazo de 15 minutos.

Art. 27º [sic]. As conclusões serão votadas separadamente e as emendas apresentadas logo depois da apresentação desde que o juízo da mesa, não tenham ficado prejudicados.

Art. 28°. As sessões plenas ordinárias realizar-se-ão nos dias e horas que a mesa determinar. }  
Único. Não havendo tempo para se discutirem numa sessão todas as conclusões de uma these, effectuar-se-á uma outra sessão suplementar, no dia subsequente, em hora previamente marcada.

Art. 29°. Poderão ser admitidas nas sessões plenas assim como nas solemnes, além dos congressistas, pessoas estranhas.

} Único. Os representantes da imprensa terão ingresso franco em todas as sessões.

## XI

### Sessões parciais

Art. 30°. As sessões parciais são as reuniões das comissões nomeadas para tratar de cada these e effectuar-se-ão em horas diferentes das sessões plenas.

Art. 31°. Só poderão tomar parte na discussão e votação os membros da comissão.

} Único. Os outros congressistas poderão assistir às sessões nas quaes não serão admitidas pessoas estranhas.

Art. 32°. Cada membro das comissões tem 20 minutos para falar sobre as conclusões por ele apresentadas ou para discutir as alheias. } Único. O relator coordenará as ideias apresentadas, sendo todas submetidas a votação, salvo quando a juízo da mesa, estiverem prejudicadas por collidirem com outras que anteriormente obtiveram aprovação.

Art. 33°. As conclusões definitivas serão comunicadas pelo relator à mesa do Congresso, que providenciará no sentido de patentear-as aos congressistas, antes da sessão plena em que serão discutidas. } Único. A conclusão rejeitada não poderá ser apresentada em sessão plena.

## XII

### As monografias e demais trabalhos apresentados pelos congressistas

Art. 34°. Todos os trabalhos serão lidos no início da sessão parcial pelos próprios autores perante a comissão de que defenderem, sendo em seguida submetidos à votação.

Art. 35°. Os trabalhos enviados a mesa geral serão publicados nos annaes do Congresso, si o entender a aludida mesa.

## XIII

### Execução das resoluções

Art. 36°. No fim de cada sessão plena será nomeada pela mesa uma comissão para tratar das resoluções nella tomadas. } Único. Essa comissão ficará estabelecida em Maceió e nomeará representantes em todas as parochias.

## XIV

### Comissão organizadora

Art. 37°. Compete à Comissão Organizadora convocar o Congresso e propor as theses que deverão ser discutidas.

Art. 38°. Encerrando-se o Congresso, ella procurará publicar em livro ou pela imprensa periódica o relatório geral ou os annaes de seus trabalhos.

## XV

### Disposições geraes

Art. 39°. Na sessão do encerramento do Congresso a mesa geral designará o tempo e o lugar da reunião do outro Congresso, se a maioria dos congressistas assim o deliberar.

Art. 40°. O Congresso poderá eleger membros honorários.

---

Art. 41º. Caso tenha de se fazer outro Congresso, a sua comissão organizadora será previamente escolhida durante o actual, se este tomar a deliberação condicionalmente exposta acima.

Pela Comissão Organizadora:

Cônego Manoel Ribeiro Vieira – Presidente

Cônego Antonio Valente – Vice-Presidente

Francisco Moreno Brandão – 1º Secretário

Luiz Carlos de Souza Netto – 2º Secretário

Sidronio Augusto de S. Maria – Theoureiro.